

MASCULINIDADE TÓXICA?

Vamos falar sobre isto!

Coletânea de estudos sobre as mulheres da
Plataforma Geni. Primeira Edição. Lisboa. Abril de
2021.

FICHA TÉCNICA

Desenvolvido por:

Plataforma Geni

Produção independente.

Autora

Yasmin Nogueira Pereira

Lisboa, abril de 2021

CONCEITOS

PODEMOS FALAR EM MASCULIDADE TÓXICA?

A partir da década de 1970 os estudos feministas passaram a investigar também as masculinidades e os homens no campo dos estudos de gênero, o que significou uma grande mudança, uma vez que até aquele momento, essa área do conhecimento era associada apenas às mulheres e ao gênero feminino (Aboim, 2017). Em um primeiro momento, as críticas eram voltadas principalmente ao modelo da **masculinidade dominante**, ou seja, ao homem branco, heterossexual, com repulsa a tudo o que remeta para a feminilidade, detentor de poder e hierarquicamente superior aos demais homens e mulheres (Hearn, 2004 e Santos, 2009).

Com o passar dos anos e com o aprofundamento na temática dos homens, passou-se a entender que o mais adequado seria utilizar o termo “masculinidades” no plural, uma vez que há uma diversidade social, política e cultural na forma de viver o masculino (Connell, 2005). **Existem diferentes masculinidades e diferentes formas de poder e de se relacionar**, seja entre homens e entre homens e mulheres, de modo que Connell (2005) categorizou quatro principais padrões de masculinidades de acordo com a ordem de gênero ocidental, sendo elas a hegemônica, a cúmplice, a subsidiada e a marginalizada (Januário, 2016).

MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

A **masculinidade hegemônica** é um conjunto de práticas sociais idealizado em como um homem deve ser e parecer, tendo o patriarcado como referência. Assim, reflete na manutenção e no reforço das assimetrias de poder dos homens sobre as mulheres (Santos, 2009), na repulsa sobre tudo que remeta à feminilidade, bem como na dominação com os homens que não se enquadram nesse modelo de masculinidade. A masculinidade cúmplice é aquela em que, apesar de não cumprirem todas as práticas hegemônicas, os homens cúmplices se beneficiam de algumas vantagens patriarcais típicas da categoria anterior.

Por sua vez, a masculinidade subordinada tem como ponto central a relação de dominação entre homens que se enquadram no modelo dominante e heteronormativo sobre os homossexuais. Dessa forma, é correto afirmar que a superioridade do grupo dominante sobre o subordinado tem natureza homofóbica. A masculinidade marginalizada é aquela em que os homens não se enquadram no modelo hegemônico devido à sua classe social ou à sua etnia - ainda que compartilhem de características da masculinidade dominante. Sendo assim, resta clara que a masculinidade hegemônica, ou melhor, a necessidade masculina de se inserir no modelo dominante de poder, faz com que homens sejam socializados desde a primeira infância e recebam estímulos que reforçam certos comportamentos tóxicos ao longo de toda a vida.



MODELO DOMINANTE DE PODER

O modelo de masculinidade dominante está associado a certos comportamentos e condutas (Kimmel, 2001) como virilidade, racionalidade, liderança e ambição em ser bem sucedido financeiramente, expressar força física e estar sempre disponível e interessado sexualmente. A necessidade de se enquadrar a essa masculinidade – em prol de uma posição de poder superior aos demais homens e mulheres – faz com que os homens, muitas vezes, se afastem da sua essência e busquem ao máximo se aproximar do modelo hegemônico a partir de **comportamentos tóxicos** para eles mesmos e quem mais estiver à sua volta.

O comportamento masculino tóxico é todo aquele que fere ou constrange alguém, seja homem ou mulher. Os homens são criados e socializados (Amâncio e Oliveira, 2004) desde muito cedo para não demonstrar suas vulnerabilidades e para sexualizar as mulheres, pautando a relação – heterossexual – primordialmente no sexo e não tanto no afeto. Essa necessidade socialmente construída e atribuída ao homem é um exemplo de como um comportamento é tóxico ao mesmo tempo para os homens e para as mulheres: para os homens, porque nem sempre se está com vontade ou disposto a se mostrar sexualmente disponível; e para as mulheres, por que a abordagem pode gerar constrangimentos e até mesmo ser feita de forma violenta ou com assédio.



PAPÉIS DE GÊNERO

A masculinidade tóxica atinge os homens e as mulheres de diferentes formas. Atribuir gênero às cores de roupas de criança, dizer a rapazes que homem de verdade não chora e reforçar às raparigas que elas devem cuidar dos seus irmãos são alguns dos exemplos que a sociedade nos ensina desde a primeira infância. Todavia, esse tradicionalismo dos papéis de gênero pode gerar comportamentos mais graves, como o silenciamento e o menosprezo pelas mulheres, homofobia, violência física, psicológica, sexual, moral e patrimonial contra as mulheres. Para solucionar a questão da toxicidade das masculinidades é necessário envolver os homens no debate, na construção de políticas públicas e nos estudos acadêmicos.

Não é possível solucionar a violência de gênero sem envolver seu causador na solução. É necessário sensibilizar os homens para que eles queiram viver uma masculinidade mais comunicativa e saudável, tanto em prol da igualdade de direitos e oportunidades quanto em prol da **saúde física e mental** dos homens. Por falar em saúde mental, a falta de comunicação dos homens acerca de seus sentimentos, medos e angústias pode gerar comportamentos agressivos. Esse fator ajuda a explicar o fato de que os homens são os que mais matam, os que mais morrem e os que mais se suicidam (PapodeHomem e Instituto PdH, 2019).

MASCULINIDADES SAUDÁVEIS

A solução para uma masculinidade saudável é fazer com que os homens entendam que existem várias formas de viver suas masculinidades, e não apenas o modelo dominante, homofóbico, misógino e opressor. Porém, esse é um passo difícil. (Re)pensar as masculinidades significa renunciar privilégios atrelados ao modelo dominante, de modo que é indispensável uma rede de apoio composta por mulheres, mas, sobretudo, por homens, de forma a lhes apresentar uma masculinidade menos tóxica.

Os homens buscam a todo momento validar a sua masculinidade a partir dos seus pares, o que ressalta a importância de cada vez mais homens se juntarem para falar sobre suas vulnerabilidades, medos, angústias, derrotas e sobre a viabilidade de ser homem de uma forma mais saudável e autêntica.

REFERÊNCIAS

Aboim, S (2017). O que é masculinidade? In Aboim, S., Marques, A. M., Couto, M. A. S., Goulart, A, Masculinidade hegemónica e pluralidade no masculino: rumo a novos hibridismo de género, p. 11-47.

Amâncio, L. e Oliveira, J., M. (2014). Ambivalências e desenvolvimentos dos estudos de género em Portugal. Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, (32), 23-42. Recuperado em 05 de março de 2020.

Connell, R. W. 2005. Globalization, imperialism, and masculinities. In Handbook of studies on men&masculinities, edited by M. S. Kimmel , J. Hearn , and R. W. Connell . Thousand Oaks, CA: Sage.

Hearn, J. (2004). From Hegemonic Masculinity to the Hegemony of Men. Feminist Theory, 5(1), 49-72. Obtido em 13 de Março de 2021, de <https://doi.org/10.1177/1464700104040813>

Januário, S. B. (2016). Masculinidade: historicidade, pluralidade de construção. In Masculinidades em (re)construção: Género, Corpo e Publicidade. Universidade da Beira Interior, Covilhã: LabCom.IFP.

Kimmel, M. S. (2001). Masculinity as homophobia: Fear, shame, and silence in construction of gender identity. In S. M. Whitehead & F. J. Barrett (Eds.), The masculinities reader (pp.266-287). Cambridge: Polity Press.

PapodeHomem e Instituto PdH (20 de Agosto de 2019). O silêncio dos homens. <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&v=pt>

Santos, L. F. O. (2009). Tornar-se homem: Dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos offline e online. Universidade do Minho, Portugal.

